

tempo, caso, animal, nome, ou successo. Subjeitaram-se os homens á boa doutrina, e obrigou-os mais o vento que era de viagem, e a jornada breve, que não é mais de sessenta leguas de travessa. Sahiram em popa.

Este vicio de olbar em agoiros é ordinario em muita gente, e foi particular da antiga gentildade ⁸, e por tal trabalha o inimigo ⁹ de o introduzir e sustentar entre os christãos para d'ahi passar a danos maiores. Mas o successo do espirro, que estes tomaram em agoiro avesso, foi nos tempos muito antigos recebido em contrario sentido, como o aponta o principe dos poetas ¹⁰ em Penélope ¹¹, de quem conta que se alegrou, ouvindo um espirro quando Ulysses ¹² começou a executar a vingança de seus inimigos, e que o houve por boa estreia, e signal de victoria. D'onde fica provado o engano e futilidade do agoiro pela differença dos tempos e opiniões. As historias menos antigas fazem menção de uma doença geral, e tão perniciosa, que o homem, que dava espirro, dava com elle juntamente a vida; e quando foi applicando, se um espirrava e acertava de ficar vivo, accudiam os presentes a dar-lhe os emboras ¹³, como hoje fazemos sem mais razão que o costume, posto já em posse e termos de cortezia. E por ventura foi deduzido este agoiro dos mareantes do mesmo principio.

Fr. Luis de Sousa (1555-1632).

¹ de S. Domingos. ² Jayme I, filho de Pedro II, rei de Aragão, subiu ao throno em 1213. Conquistou os reinos de Maiorca ou Malhorca e de Minorca (1229 1235), de Valença (1239) e muitas outras terras aos moiros e mereceu o cognome de *Conquistador*. Morreu em 1276. ³ o conjuncto dos conventos e conventuaes de uma ordem monastica em um paiz, governados por um provincial e sujeitos ao geral da ordem. ⁴ V. a nota 20 ao trecho 295. ⁵ recusou. ⁶ cidade de Hespanha, capital de Catalunha, notavel pelo seu importante commercio e desenvolvimento industrial. Porto de mar sobre o Mediterraneo. ⁷ S. Domingos. ⁸ paganismo, religião dos gentios ou pagãos. ⁹ o demonio.

¹⁰ o poeta grego Homero. ¹¹ filha de Icaro e mulher de Ulysses. ¹² rei da ilha Itaca, filho de Laertes e de Anticléa. Prestou grandes serviços aos gregos com a sua prudencia e artificios, contribuindo muito para a tomada de Troya. ¹³ parabens, felicitações.

200 — Palacio e corte do sol (pag. 96 na 4.^a ed.)

Em sublimes columnas alteado,
 Surge o Paço do Sol; clareia ao longe
 Cosido de oiro, e ignigero¹ pyrópo²:
 De brunido marfim por cima alveja:
 Argenteas portas bifores³ lhe esplendem:
 Da materia á riqueza excede a obra.
 Com primorosa industria alli Vulcano⁴
 Os mares entalhou, cingindo as terras,
 Das terras o orbe inteiro, e o céu por cima⁵;
 Poz no fulgido mar cerúleos deuses:
 O canoro Tritão⁶, Prothêo⁷ mudavel,
 Egeôn⁸ entre os braços opprimindo
 Dorso enorme de undivagas⁹ baleias;
 Dóris¹⁰ e as filhas; a nadarem umas,
 Sentadas num penhasco outras, seccando
 A trança verde em ócio, alguma ufana
 Sobre ufano delphim¹¹ retalha as ondas:
 Rostos eguaes não têm, não têm diversos;
 Quaes são proprios de irmãs, taes são seus rostos.
 Deu á terra extensão, profusamente,
 Homens, cidades, arvoredos, feras,
 Rios, Nymphas, e rusticas Deidades:
 Terra e mar corcou co'a luminosa
 Prespectiva dos céos; na dextra¹² porta
 Signos seis coruscando, e seis na esquerda.
 Em radioso throno esmeraldino
 Se assenta Apollo¹³ em purpuras trajado,
 Tendo de um lado e d'outro a côrte sua;

Os Seculos anciãos, os tardos Annos,
 Os Mezes desiguaes, os leves Dias,
 E as Horas, que dispoz a eguaes distancias:
 Ria-se a engrinaldada Primavera;
 Suava o Estio nu, que espigas c'roam,
 Mosto escorria recendendo o Outono;
 Hirtas as cãs, o Inverno tiritava.

Visconde de Castilho
 (Traduzido de Ovidio, poeta latino).

¹ (que gera o fogo ou o traz em si); brilhante como fogo, da côr do fogo. ² o dictionario latino de Freund, citando, na palavra *pyropus*, esta mesma passagem do original, explica: *pyrope, alliage de cuivre et d'or (où il entre trois parties de cuivre sur une d'or)*. ³ que tem dois batentes. ⁴ deus do fogo, filho de Jupiter e de Juno. ⁵ na edição de Castilho está — *cingindo às terras*. É erro typographico. O original latino é: *nam mulciber illic /Aequorat cœlarat, medias cingentia terras/ Terrarumque orbem, cœlumque, quod imminet orbi*. Esta passagem é assim vertida por Gros: *Le ciseau de Vulcain y avait représenté l'Océan qui enveloppe la terre, la terre elle-même et l'immense voûte des cieux*. ⁶ deus marinho que servia de trombeta a Neptuno seu pae. ⁷ filho do Oceano e de Thetis. Adivinhava o futuro e tomava todas as formas que queria. ⁸ ou Briarêo, filho de Titan e da Terra, foi um gigante de forças extraordinarias. Tinha cem braços e cincoenta cabeças. ⁹ que vagam sobre as ondas. ¹⁰ filha do Oceano e de Thetis. Desposou Nerêo de quem teve cincoenta nymphas, chamadas Nereides. ¹¹ golphinho. ¹² direita, que fica á mão direita. Escreve-se tambem *destra*. ¹³ filho de Jupiter e Latona. Denomina-se Phebo, no céo, por conduzir o carro do sol, e, na terra, Apollo.

201 — Falla de D. João de Mascarenhas,
 capitão de Diu, aos soldadas (pag. 71 na 4.^a ed.)

«Esses turcos e janizaros, que d'este lugar estamos vendo, vêm a restaurar comnosco a honra que no primeiro cerco perderam; porém, nem elles valem mais que os que então foram vencidos, nem nós valemos

menos que os vencedores. Eu vos confesso que me creei sempre com a inveja do menor soldado que defendeu esta praça, pois ainda agora a memoria do seu valor honra seus descendentes, que menos conhecemos pelo appellido, patria, ou solar, que por filhos ou netos d'aquelles que tão gloriosamente acabaram, ou triumpharam em Diu. Os mais illustres honraram sua familia, os mais humildes, deram a ella principio. Trouxe-nos a fortuna esta empresa, áquella nada ôissemelhante; não sepultaram comsigo aquelles valorosos portuguezes toda a gloria das armas; ainda nos deixaram esta, que nos fará illustres ¹. Não nos assombre a desigualdade do poder, porque a fama não se alcança com perigos vulgares.

«Navegámos cinco mil leguas só a buscar ² este dia, para nelle ganhar a honra que nos não podem dar os reis, nem as gentes; porque os reis dão premios, não dão merecimentos. Não nos faltam munições, nem mantimentos para entreter o cerco até chegar soccorro; e, ainda que andam os mares levantados por serem os tempos verdes ³, temos um D. João de Castro ⁴, que por debaixo das ondas virá com a espada na bôca a soccorrer-nos, e tantos outros fidalgos e cavalleiros, que terão por injuria ganharmos nós sem elles a honra que se nos offerece, com a qual não temos que esperar mais da fortuna, pois seremos contados no numero d'aquelles que ao rei e á patria fizeram algum memoravel serviço, cuja honra ⁵ viemos sustentar do Occidente a tão remotas partes. E o que mais é que tudo, pelejamos com inimigos da nossa fé e não nos póde faltar favor para tão justa causa, pois servimos ao Deus ⁶ das victorias.»

Jacinto Freire de Andrade (1597-1657).

¹ § 121. ² § 229 *Obs.* ³ tempos verdes, ou mares verdes, — quando dura ainda o inverno e não ha sazão de navegar. É expressão antiquada de que usaram alguns dos nossos classicos. ⁴ quarto viso-rei da India. ⁵ § 190, *a.* ⁶ § 120.

202 — Combate dos portuguezes com o gentio
de Moçambique (pag. 98 na 4.^a ed.)

(DOS LUSIADAS)

Mas os moiros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Um de escudo abraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e seta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada;
E, porque o caso leve se lhe faça,
Põem uns poucos deante por negaça.

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos moiros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
Os fortes portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando.
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pôde que é primeiro.

Qual no corro ¹ sanguineo o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O toiro busca e, pondo-se deante,
Salta, corre, sibila, acena e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro, corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, e põe por terra.

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria;
A plumbea péla ² mata, o brado espanta,
Ferindo o ar retumba e assovia:

O coração dos moiros se quebranta ;
 O temor grande o sangue lhes resfria :
 Já foge o escondido de medroso,
 E morre o descoberto aventureoso.

Não se contenta a gente portugueza,
 Mas, seguindo a victoria, estrue e mata ;
 A povoação, sem muro e sem defesa,
 Esbombardeia³, accende, e desbarata.
 Da cavalgada ao moiro já lhe pesa,
 Que bem cuidou comprá-la mais barata :
 Já blasphema da guerra e maldizia
 O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

Fugindo, a seta o moiro vae tirando
 Sem força, de cobarde⁴, e de apressado,
 A pedra, o pau, e o canto⁵ arremessando :
 Dá-lhe armas o furor desatinado :
 Já a ilha⁶, e todo o mais desamparando,
 Á terra firme foge amedrontado ;
 Passa, e corta do mar o estreito braço,
 Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

Uns vão nas almadias carregadas ;
 Um corta o mar a nado diligente ;
 Quem⁷ se afoga nas ondas encurvadas ;
 Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
 Arrombam as miudas bombardadas
 Os pangaios subtis da bruta gente.
 D'est'arte o portuguez em fim castiga
 A vil malicia, perfida inimiga.

Luiz de Camões (1524-1570).

¹ circo, arena onde se corriam toiros ou se dava outro espectáculo. Não confundir com o vocabulo *curro*, que tem outra accepção. ² bala ; plumbea, de chumbo. ³ § 101, d. 2). ⁴ §

141, e § 179, *b*, *Obs.* ⁵ pedra grande. ⁶ a ilha de Moçambique, situada na costa e provincia d'este nome, e descoberta por Vasco da Gama a 28 de fevereiro de 1498. ⁷ § 68, 1.^a *Obs.*

203 — Carta familiar

Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. — Muito respeitavel Sr. — Penhorado por tantos obsequios de v. s.^a, tão generosos da sua parte, como immerecidos da minha, tenho sempre procurado noticias suas, e tenho-as obtido algumas vezes, e lisongeiras, pelo portador d'esta, pessoa a quem consagro particular amizade, que este anno vae sentar-se nos bancos da aula de tão digno cathedratico, e que de certo não deixará de merecer as atenções devidas á sua intelligencia, desejo de aproveitamento, e moralidade.

Como o tenho agora ao pé da porta, e marcha em breve para essa cidade, aproveito a occasião de reite-
rar os meus protestos de respeito e de gratidão para com v. s.^a

Quero fazer mais: dar-lhe uma satisfação, retardada pelo mau estado de saude, em que tenho existido ha já 10 mezes. Logo que se publicou o 1.^o sermão da serie d'elles, que annunciei ao publico, quiz mandar-lh'o: mas, reflectindo melhor, resolvi enviar-lhe a final a collecção inteira, o que farei no tempo competente. Não era possivel esquecer-me de v. s.^a; pedia-o a gratidão: e como podia eu, com quanto o desejasse, escondê-los, para que v. s.^a os não visse, tendo-os posto na praça? O sabio é indulgente; v. s.^a saberá relevar os multiplicados defeitos que se encontram na série, unicamente emprehendida, depois de séria e reflectida resistencia, pelo motivo nella declarado.

É sempre, com o maior respeito e dedicação — De v. s.^a att.^o ven.^{or} e cr.^o obrg.^{mo} — *Francisco Raphael da Silveira Malhão.*

Obidos, 1859 — Setembro 26.

204— Outro episodio dos Lusiadas (pag. 108 na 4.^a ed.)

Torna para detraz a nau forçada,
Apesar dos que leva, que gritando
Mareiam velas: ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando:
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como deante ameaçando
Os estava um maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe o nau lhe mette medo.

A celeuma medonha se alevanta
No rude marinheiro que trabalha;
O grande estrondo a maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhes valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão-de ser por isso aqui punidos.

Ei-los subitamente se lançavam
A seus bateis veloces que traziam,
Outros em cima o mar alevantavam;
Saltando ¹ n'agua a nado ² se acolhiam:
De um bordo e d'outro subito saltavam,
Que o medo os compellia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

Assim como em selvatica alagôa
As rãs (no tempo antigo lycia ³ gente),
Se sentem ⁴ por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
D'aqui, d'alli saltando, o charco sôa,
Por fugir do perigo, que se sente;
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças n'agua lhe ⁵ apparecem:

Assim fogem es moiros ; e o piloto,
 Que ao perigo grande as naus guiára,
 Crendo que seu engano estava noto ⁶,
 Tambem foge, saltando na agua amara ⁷.
 Mas, por não ⁸ darem no penedo immoto ⁹,
 Onde percam a vida doce e cara,
 A ancora solta logo a capitaina ¹⁰;
 Qualquer das outras junto d'ella amaina.

Luiz de Camões (1524-1580).

¹ § 238,1). ² § 136. ³ Lycia era uma região da Asia menor, cujos moradores foram convertidos em rãs, por negarem agua a Latona, mãe de Apollo, passando por alli em tempo de calor com muita sede. ⁴ § 228. ⁵ § 187 penultimo periodo. ⁶ conhecido. ⁷ amarga. ⁸ § 222, b, 2) e § 237, b. ⁹ firme, immovel. ¹⁰ ou *copitânia*, a nau em que ia o capitão ou commandante de uma esquadra.

205 — A fortuna (pag. 58 na 4.^a ed.)

Variamente pintaram os antigos a que elles chamaram Fortuna ¹. Uns lhe puzeram na mão o mundo, outros uma cornucopia ², outros um léme; uns a formaram d'oiro, outros de vidro, e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com azas nos pés, e os pés sobre uma roda. Em muitas coisas, erraram como gentios ³; em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de fortuna, que significa caso ou fado; erraram na cegueira dos olhos, erraram nas insignias e poderes das mãos; porque o governo do mundo, significado no léme, e a distribuição de todas as coisas, significadas na cornucopia, pertence sómente á Providencia divina, a qual, não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança de sua justiça na mão, é a que ⁴ reparte a cada um e a todos o que para os fins da mesma Providencia, com altissimo conselho,

tem ordenado e disposto. Acertaram porém os mesmos gentios na figura que lhe deram de mulher, pela inconstancia: nas azas dos pés, pela velocidade com que se muda, e sobre tudo em lh'os pôrem sobre uma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero, teve jamais firmeza. Dos que a fizeram d'ouro diremos depois; o que agora nos parece dizer, é que os que a fingiram de vidro pela fragilidade. fingiram e encareceram pouco; porque, ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia da roda. Sesostris, rei do Egypto, depois de vencer outros quatro reis vizinhos, se desvaneceu a tanta soberba⁵, que, em lugar d'outros tantos cavallos, mandou que os quatro reis vencidos tirassem pela sua carroça. Assim se fez. Em um dia porém de grande celebridade advertiu que um dos reis vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros, que o rosto e os olhos, sempre os levava voltados e postos no rodar da mesma carroça. E, como Sesostris lhe perguntasse com que pensamento o fazia, respondeu: «Levo sempre postos os olhos nesta roda, porque vejo nella que, assim como esta parte, que agora está em baixo, esteve já em cima, assim a que está em cima, com meia volta, já torna a estar em baixo.» Entendeu o mysterio o rei victorioso e soberbo, e mandou logo tirar do jugo aos vencidos.

Padre Antonio Vieira (1608-1797).

¹ Deusa que preside ao bem e ao mal. ² vaso em fórma de chavelho, cheio de flores e fructos. Era o attributo mythologico da Fortuna e hoje é o symbolo da agricultura e do commercio. ³ pagãos, idólatras. ⁴ § 248. ⁵ encheu-se de tanto orgulho.

206 — Cantata de Dido¹ (pag. 115 na 4.^a ed.)

Já no roxo Oriente branqueando
 As prenhes² velas da troyana frota
 Entre as vagas azues do mar doirado

Sobre as azas dos ventos se escondiam.
 A miserrima Dido
 Pelos paços reaes vaga ululando ³,
 C'os turvos olhos inda em vão procura
 O fugitivo Enéas ⁴.
 Só ermas ruas, só desertas praças
 A recente Carthago ⁵ lhe apresenta.
 Com medonho fragor na praia nua
 Fremem de noite as solitarias ondas ;
 E nas doiradas grimpas
 Das cúpulas soberbas
 Piam nocturnas agoureiras aves.
 Do marmoreo sepulchro
 Attonita imagina
 Que mil vezes ouviu as frias cinzas
 Do defuncto Sichêo ⁶, com debeis vozes,
 Suspirando chamar: «Elysa, Elysa ⁷,
 D'Orco ⁸ aos tremendos Numes ⁹
 Sacrificios prepara».
 Mas viu esmorecida
 Em torno dos thuricremos ¹⁰ altares
 Negra espuma ferver nas ricas taças,
 E o derramado vinho
 Em pelagos de sangue converter-se.
 Frenetica delira ;
 Pallido o rosto lindo,
 A madeixa gentil desentrançada,
 Já com o trémulo pé entra sem tino
 No ditoso aposento.

.....
 Alli as crueis Parcas ¹¹ lhe mostraram
 As illiacas ¹² roupas, que pendentas
 Do thalamo ¹³ doirado descubriam
 O lustroso pavez ¹⁴, a teucra ¹⁵ espada.
 Com a convulsa mão subito arranca
 A lamina fulgente da bainha,
 E sobre o duro ferro penetrante
 Arroja o tenro e crystallino peito :

E, em borbotões de espuma murmurando,
 O quente sangue da ferida salta :
 De rôxas espadanas ¹⁶ rociadas ¹⁷,
 Tremem da sala as doricas ¹⁸ columnas.

Tres vezes tenta erguer-se,
 Tres vezes desmaiada, sobre o leito
 O corpo revolvendo, ao céu levanta
 Os macerados olhos.

Depois, attenta na lustrosa malha ¹⁹
 Do prófugo ²⁰ dardanio ²¹,
 Estas ultimas vozes repetia,
 E os lastimosos lugubres accentos,
 Pelas aureas abobadas voando,
 Longo tempo depois gemer se ouviram :

«Doços despojos
 Tão bem logrados
 Dos olhos meus,
 Em quanto os fados,
 Em quanto Deus
 O consentiram,
 Da triste Dido
 A alma acceitae,
 D'estes cuidados
 Me libertae.
 Dido infelice ²²

Assaz viveu ;
 D'alta Carthago
 O muro ergueu :
 Agora nua,
 Já de Charonte ²³,
 A sombra sua
 Na barca feia
 De Phlegetonte ²⁴,
 A negra veia ²⁵
 Surcando ²⁶ vae.»

Pedro Antonio Correia Garção (*Corydon Erymantheu* 1724-1772).

¹ Dido, Elisa, ou Elysa, filha de Bello, rei de Tyro. Para escapar ao furor de seu irmão Pygmalião, que matara Sichêo, seu marido, salvou-se em Africa, onde fundou a cidade de Carthago. É de pura invenção o episodio da ENEIDA de Virgilio. Enéas viveu mais de 300 annos antes da fundação de Carthago.
² cheias, enfunadas com o vento. ³ no sentido proprio — gritar em tom plangente como as aves nocturnas ; — por ext. : gemer.
⁴ principe troyano, filho de Anchyses e de Venus. ⁵ antiga cidade da Africa, fundada por Dido ; outros auctores dizem que a sua fundação data de 1259 antes de Christo, sendo seus fundadores os phenicios expulsos do seu paiz. Foi grande o poder

de Carthago, e as suas contendas com Roma originaram as tres guerras punicas, ao cabo das quaes, foi incendiada e saqueada (149 A. Chr.) ⁶ sacerdote de Hercules e marido de Dido. Foi morto por seu cunhado Pygmalião, rei de Tyro, que lançou mão das suas grandes riquezas. ⁷ V. a nota 1.^a ⁸ deus dos infernos e dos juramentos; é o mesmo que Plutão. Dava-se tambem o nome de Orco ao rio do inferno Styx ou Estygio. ⁹ divindades. ¹⁰ que queimam incenso. ¹¹ filhas do Erebo e da Noite. Eram tres irmãs que fiavam a teia da vida dos homens. ¹² Troyanas. Ilicn ou Ilium era o nome da cidade de Troya, edificada por Ilus, quarto rei d'aquella cidade. ¹³ Leito nupcial, conjugal. ¹⁴ escudo grande e largo que cobria o corpo todo do guerreiro. ¹⁵ troyana. Teucro foi rei de Troada e avô de Tros, rei de Troya. ¹⁶ jacto de liquido. ¹⁷ orvalhadas. ¹⁸ que pertence a uma das cinco ordens de architectura. ¹⁹ entrançado de fio de metal, a modo de rêde, com que se fabricam as armaduras. ²⁰ fugitivo. ²¹ Dardania, que depois se chamou Troya, foi edificada por Dardano, filho de Jupiter e Electra; dardanio *adj.* é o mesmo que troyana. ²² infeliz (paragoge). ²³ filho de Erebo e da Noite. Passava as almas dos mortos em uma barca, para o que recebia certa moeda nas margens do Estygio, do Acheronte e d'outros rios infernaes. ²⁴ um dos rios do inferno. ²⁵ corrente, veio d'agua. ²⁶ sulcando.

207 — D. João de Castro empenha as proprias barbas
(pag. 77 na 4.^a ed.)

Poucos dias descansou o governador nos ocios da victoria, porque entrou logo em cuidados molestos de reedificar, antes fundar, a fortaleza (*de Diu*) desde a primeira pedra; obra que a necessidade fazia precisa, o aperto impossivel, porque as despesas de tão proxima guerra tinham apurado as rendas do Estado, e sobre ellas se haviam feito empenhos, que só se podiam remir com a paz de muitos annos; porém o governador, sem se atar aos inconvenientes, começa a dar principio á nova fabrica ¹, desenhando a em fórma diferente que a antiga: porque, a juizo de homens intel-

ligentes, convinha estender o sitio e engrossar o muro, fazer os baluartes mais vizinhos, e lavrar armazens para recolher as munições e mantimentos em parte enxuta, em que se conservassem bem acondicionados, differentes dos outros, que, pela humidade do terreno, corrompiam os bastimentos². Os materiaes não se podiam comprar, nem conduzir sem pagas e jornaes : pedreiros, peões e architectos pediam suas férias.

Não tinha o governador baixellas, nem diamantes de que se pudesse valer ; assim recorreu a outros penhores, a que a fidelidade deu valia, a natureza não. Mandou desenterrar os ossos de seu filho D. Fernando para fazer d'elles á cidade de Goa um nunca visto empenho ; mas, como a terra ainda tivesse o corpo mal gastado, cortou da barba alguns cabellos, sobre que pediu vinte mil pardaos³ á camara de Gôa, abrindo-lhe o amor da patria uma estranha porta, por onde não souberam entrar aquelles fidelissimos Decios, Curcios e Fabios⁴, de que Roma, ainda hoje soberba, d'entre as ruinas de seu imperio lhes salvou a memoria.

.....

Chegado o mensageiro a Gôa, lhe respondeu o povo com maior quantidade que a pedida, vendo que tinham um governador tão humilde para os rogar, tão grande para os defender. Remetteram-lhe outra vez aquelles honrados penhores, que hoje se conservam em mãos do bispo, seu dignissimo neto, que os recolheu em uma urna, ou pyramide de crystal, assentada em uma base de prata, na qual estão gravados em torno disticos differentes, que fazem de acção tão illustre engenhosa memoria, ficando aos successores de sua casa este honrado deposito, como para fazer hereditarias as virtudes de D. João de Castro.

Jacinto Freire de Andrade (1597-1657).

¹ construcção. ² abastecimentos. ³ moeda da India do valor de 300 réis approximadamente. ⁴ varões romanos, cujo patriotismo lhes deu grande celebridade.

208 — Episodio de Velloso (pag. 123 na 4.^a ed.)

(DOS LUZIADAS)

Desembarcamos¹ logo na espaçosa
 Parte, por onde a gente se espalhou,
 De ver coisas estranhas desejosa
 Da terra, que outro povo não pizou :
 Porém, eu c'os pilotos, na arenosa
 Praia, por vermos em que parte estou,
 Me detenho em tomar do sol a altura,
 E compassar a universal pintura.

Achámos ter de todo já passado
 Do semicapro peixe² a grande meta,
 Estando entre elle e o circulo gelado
 Austral³, parte do mundo mais secreta.
 Eis, de meus companheiros rodeado⁴,
 Vejo um estranho vir de pelle preta,
 Que tomaram por força, emquanto⁵ apanha
 De mel os doces favos na montanha.

Torvado vem na vista, como aquelle
 Que não se vira nunca em tal extremo ;
 Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
 Selvagem mais que o bruto Polyphemo⁶.
 Começo-lhe a mostrar da rica pelle
 De Colchos o gentil metal supremo⁷,
 A prata fina, a quente especiaria :
 A nada d'isto o bruto se movia.

Mando-lhe mostrar peças mais somenos,
 Contas de crystallino transparente,
 Alguns soantes cascaveis pequenos,
 Um barrete vermelho, côr contente.

Vi logo por signaes, e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente :
Mando-o soltar com tudo : e assim caminha
Para a povoação que perto tinha.

Mas logo ao outro dia, seus parceiros,
Todos nus e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vêm buscar, que est'outro leva :
Domesticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

É Velloso no braço confiado,
E, de arrogante⁸, crê que vae seguro ;
Mas, sendo um grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada,⁹ co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece ; e, segundo ao mar caminha,
Mais appressado, do que fôra, vinha.

O batel de Coelho¹⁰ foi depressa
Pelo tomar ; mas, antes que chegasse,
Um ethiope¹¹ ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse :
Outro e outro lhe saem ; vê-se em pressa
Velloso, sem que alguém lhe alli ajudasse ;
Acudo eu logo ; e, emquanto o remo aperto,
Se mostra um bando negro descoberto.

Da espessa nuvem, setas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida ;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu d'alli ferida ;

Mas nós, como pessoas maguadas,
 A reposta ¹² lhes demos tão crescida ¹³,
 Que, em mais que nos barretes, se suspeita
 Que a côr vermelha levam d'esta feita.

10 E, sendo já Velloso em salvamento,
 Logo nos recolhemos para a armada,
 Vendo a malicia feia e rude intento
 Da gente bestial, bruta e malvada,
 De quem nenhum melhor conhecimento
 Pudemos ter da India desejada,
 Que estarmos ainda muito longe d'ella;
 E assim tornei a dar ao vento a vela.

10 Disse então a Velloso um companheiro
 10 (Começando-se todos a sorrir):
 10 «Oulá ¹⁴, Velloso amigo, aquelle outeiro
 10 É melhor de descer, que de subir».
 10 «Sim ¹⁵ é (responde o ousado aventureiro);
 10 Mas, quando eu para cá vi tantos vir
 10 D'aquelles cães, depressa um pouco vim,
 10 Por me lembrar que estaveis cá sem mim.»

Luiz de Camões (1524-1580).

¹ Vasco da Gama conta ao rei de Melinde como, cinco mezes depois de ter saído de Lisboa com os seus companheiros, desembarcaram na angra de Santa Helena, *situada além do tropico de Capricornio*, e do que allí succedeu aos navegantes, particularmente ao audaz aventureiro Fernão Velloso. ² o signo celeste de Capricornio, pinta-se meio peixe, meio cabra. ³ A zona glacial antartica, ou do Sul. ⁴ § 143 ⁵ § 251,4) ⁶ Cyclópe fero, cruel e comedor de carne humana, filho de Neptuno e da Terra. ⁷ pelle de Colchos ou vello d'ouro; o *gentil metal supremo*, é o ouro. ⁸ guizes. ⁹ § 179, *Obs.* ¹⁰ é Nicoláo Coelho, capitão de um dos cinco navios com que Vasco da Gama foi ao descobrimento da India. ¹¹ habitante da Ethiopia, nome grego dos paizes cujos naturaes eram negros, e por conseguinte da maior parte do interior da Africa ¹² «reposta e não «resposta» é como em harmonia com a etymologia da pala-

vra (o participio latino do pl. *reposita*) escreviam os nossos classicos. ¹³ em algumas edições lê-se *tecida*. ¹⁴ olá. ¹⁵ *Si é*, trazem as edições antigas.

209 — Apologo das arvores (pag. 89 na 4.^a ed.)

O primeiro apologo ¹, que se escreveu no mundo (que é fabula com significação verdadeira), foi aquelle que refere a Sagrada Escriptura no capitulo ix dos Juizes. Quizeram, diz, as arvores fazer um rei, que as governasse, e foram offerecer o governo á oliveira, a qual se escusou, dizendo que não queria deixar o seu oleo, com que se ungem os homens, e se alumiam os deuses. Ouvida a escusa, foram á figueira, e tambem a figueira não quiz acceitar, dizendo que os seus figos eram muito doces, e que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro logar foram á vide, a qual disse que as suas uvas comidas eram o sabor, e bebidas a alegria do mundo, e, a quem tinha tão rico patrimonio, não lhe convinha deixá-lo para se metter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das arvores como de porta em porta, sem haver quem o quizesse. Mas o que eu noto nestas escusas é, que todas convieram em uma só razão, e a mesma, que era não querer cada um deixar os seus fructos. E houve alguém que dissesse, ou propuzesse tal coisa a estas arvores? Houve alguém que dissesse á oliveira, que havia de deixar as suas azeitonas, nem á vide as suas uvas? Ninguem. Sómente, lhes disseram, e propuzeram que quizesse acceitar o governo. Pois se isso foi só o que lhes disseram e offereceram, e ninguem fallou em haverem ² de deixar os seus fructos, porque se excusaram todas com os não quererem deixar? Porque entenderam, sem terem entendimento, que, quem acceita o governo dos outros, só ha-de tratar d'elles, não de si; e que, se não deixa totalmente o interesse, a conve-

niência, a utilidade, e qualquer outro genero de bem particular e proprio, não pôde tratar do commum.

Saibamos agora, e não d'outrem senão das mesmas arvores, se este bom governo, do modo que ellas o entenderam, se pôde conseguir, e exercitar com as raizes na terra. Assim as que o offereceram, como as que o não acceitaram, todas corcordam que não. Que disseram as que offereceram o governo? Disseram a cada uma das outras: «Vinde, e governae-nos». Vinde? Logo se ellas haviam de ir, haviam-se de arrancar do logar onde estavam, e deixar as suas raizes: e cada uma das que não acceitaram, que respondeu? Respondeu que não podia ir, porque, movendo se, havia de deixar as suas raizes, e sem raizes não podia dar fructo. De maneira que governar, e governar bem não pôde ser com as raizes na terra. Governar mal e para destruição do bem commum, isso sim; e na mesma historia o ³ temos que ainda vae por deante. Vendo as arvores, que as tres, a que tinham offerecido o governo, o não quizeram acceitar, diz o texto que se foram ter com o espinheiro e lhe fizeram a mesma offerta. E que respondeu o espinheiro? É resposta muito digna de ponderação. A proposta das arvores foi a mesma: «Vinde e governae-nos»; e elle respondeu não só como espinheiro, senão como espinbado: «Se verdadeiramente me daes o imperio, vinde todas deitar-vos a meus pés, e pôr-vos á minha sombra; e, se houver alguma que repugne, sairá tal fogo do espinheiro, que abraze os mais altos cedros do Libano ⁴.» Não sei se reparaes na differença. As arvores, que lhe offereceram o governo, disseram-lhe: «Vem»; e elle disse-lhes: «Vinde. Não sou eu que hei-de deixar as minhas raizes, senão vós as vossas». Em conclusão que, quem ha-de governar bem, deixa as suas raizes; quem governa mal, arranca as dos subditos, e só trata de conservar as suas. Esta é a particular difficuldade e o grande perigo, em que estão, de se não conformarem com o soberano original, que representam as imagens, que têm as raizes na terra. E'

necessario, para se conservarem nesta nova representação, e para governarem como devem, que se apartem das suas proprias raizes.

Padre Antonio Vieira (1608-1697).

¹ V. a nota 1 ao trecho 170. ² § 237 b. ³ § 189, 4. ⁴ cordilheira de montanhas na Syria, cujos bosques serviram para a construcção do templo de Salomão. Os cedros do Libano, tão famosos outr'ora, são já pouco numerosos.

210 — Arião e o golphinho (pag. 103 na 4.^a ed.)

A história de Arião quem há que ignore?
 Toda a terra a conhece, e os mares todos.
 Elle as correntes rapidas sustinha.
 Indo-se após da ovelha, o lobo infesto
 Parava para ouvi-lo; e para ouvi-lo
 Parava com o lobo a propria ovelha.
 Viam-se á mesma sombra os cães e as lebres
 Deitados a escutar; e a mesma rocha
 Tranquillas reunir leôa e cervas.
 Gralha loquaz e o passaro de Pallas ¹
 Cessavam de renhir; emfim suspensos
 Pousavam num só ramo o açor e a pomba.
 Diana ² vezes mil teus sons ouvindo,
 Suavissimo Arião ³, ficou suspensa,
 Qual se escutára ⁴ os canticos fraternos.
 Teu nome enchia as siculas cidades ⁵;
 De tua lyra após corria Ausónia ⁶.
 D'Ausónia ia o cantor volver-se á patria,
 Fiando ao lenho undivago, que o leva,
 Amplos thesouros que ajuntou seu canto.
 Talvez do mar, do vento ia medroso,
 Quando o proprio baixel lhe urdia o damno,
 E a gloria de o salvar tocava ás ondas.
 De espada em punho, o capitão, seguido

Da chusma toda armada, eis se apresenta
 (Conjuração medonha!). Insania, ó impios!
 Regei o leme, que se vaga á tôa!
 O cantor imperterrito: «Escutai-me» —
 Exclama — «não supplico o dom da vida,
 «Mas só me consintaes o ultimo canto;
 «E curto será elle.» — Ao rogo annuem;
 Riem da dilação. Toma corôa,
 Que adornaria a fronte ao proprio Phebo⁷;
 Manto, retinto em múrice⁸ phenicio,
 Aos hombros lança; e, dedilhando as cordas,
 Maguados sons desfere. Acreditáreis⁴
 De algum candido cysne ao pé do Eurotas⁹,
 Rôta a cabeça de volante setta,
 Consternada harmonia estar ouvindo.
 Ei-lo, no meio de geral silencio,
 Mesmo vestido, ornado, a lyra em braços,
 Dá comsigo precipite nas ondas!
 Ao truz¹⁰ rebenta o mar em fôfa espuma;
 Toda a azulada pôpa em torno orvalha.
 Logo (incrível portento!) á carga estranha
 Pio delphim submette o curvo dorso.
 Pela campina azul lá trota o vate,
 Lá vae da maga cithara esparzindo
 Ao bom do seu corsel jucundo premio.
 E ao som do canto, que amacia os ares,
 Das vagas loucas se esvaece a furia.
 O generoso feito aprouve aos numes:
 Jove¹¹ assume o delphim do oceano aos astros,
 E estrellas nove em galardão lhe outorga¹².

Visconde de Castilho.

Traduzido de Ovidio, poeta latino.

¹ o mocho. ² deusa da caça e irmã de Apollo. ³ § 111, 3).
⁴ § 208, b. ⁵ da Sicilia. Siculo, filho de Neptuno, reinou na ilha
 de Sicilia, á qual deu o seu nome. ⁶ cidade antiga da Italia
 meridional (23:950 hab.) ⁷ Apollo, deus do sol e da poesia. ⁸
 mollusco tambem chamado purpura. ⁹ pequeno rio da Grecia.
¹⁰ § 135, Obs. ¹¹ Jupiter. ¹² allude á constellação d'aquelle
 nome.

211 — Excerptos da oração funebre nas exequias de D. Manuel, recitada em 1665 (pag. 97 na 4.^a ed.)

Todos os dias amanhecem para o desengano. É este mundo, que vemos, um livro da nossa doutrina. E cada hora, que passa, é um desengano da nossa vaidade, cada successo, que acontece, é um despertador da nossa cegueira. Não ha instante, não ha caso, que nos não esteja gritando mudamente, que é a nossa vida um vento, que são as nossas esperanças um engano.

Nasce o sol, principe dos astros, e morre no mesmo dia em que nasceu; um mesmo dia o vê minimo no oriente, o vê gigante no zenith, e o vê morto no occaso. Cresce a lua, symbolo da soberba, mas de tal maneira cresce, que aos mesmos olhos, a que serviu no crescente de admiração, serve no minguante de lastima. Abre a rosa, rainha das flôres, vestida de galas e defendida de espinhos, e o mesmo dia, que a vê nascida, a vê sepultada; da mesma primavera, de que côrta as purpuras, côrta tambem as mortalhas.

Eis ahi o que é no mundo o mais excellente, eis ahi o que é no mundo o mais soberano. Nem valles nem montes vivem no mundo seguros, porque, se para os valles ha innundações, para os montes ha raios. Que lhes importa aos montes subir tão alto, se a maior eminencia vem a ser o maior perigo? De que lhes serve aos valles profundarem-se tanto, se a sua profundidade encontram com a sua ruina?

Oh montes! Oh valles da terra! O que importa é estar áleria, que contra a tyrannia da morte nem o subir, nem o descer importa. Isto nos está dizendo, isto nos está ensinando tudo o que apalpámos com as mãos, tudo o que vemos com os olhos neste livro grande do mundo.

.....

O mundo é um theatro aonde cada um de nós sae a representar a sua figura; assim o disse S. Paulo; acabada a representação é força que deixemos o theatro,

Esta é a condição com que nascemos, este o voto que professamos: lei é esta geral para todos os mortaes, mas ainda mais apertada para os reis. É a nossa vida um cometa, que não tem mais que resplandecer e passar; mas nas majestades é ainda menos que cometa, porque apenas resplandece quando acaba. Antigamente davam aos reis a unção quando lhes punham a corôa. Pois logo ungido quando rei? Logo. Porque tão depressa parece que caminha para a morte um rei, como caminha um ungido. O throno é o mais breve caminho para o sepulchro.

D. Fr. Christovão de Almeida (1620-1679).

212 — O deão na cerca dos Capuchos

(pag. 78 na 4.^a ed.)

(CANTO V DO HYSOPE)

... E o deão, caminhando para a cerca,
 Com outro reverendo acaso topa,
 De gran'barriga, de cachaço gordo,
 Que attento o comprimenta, e acompanha.
 Quiz então a fortuna, que este fosse
 Um dos padres mais graves da provincia,
 Ex-guardião, ex-leitor, e jubilado,
 De todos o mais douto, excepto o Arronches,
 Pregador de gran'fama na cidade.

O bom Lara, que havia longo tempo
 Que nesta santa casa não entrava,
 Aturdido ficou, quando a seus olhos,
 Na cerca entrando, juntos se lhe off'recem
 As areiadas ruas, as estatuas,
 Os buxos, os craveiros, as latadas
 De mil flores cobertas, e que, em torno,
 O virente¹ jardim adereçavam;

E não bem quatro passos tinha dado,
 Quando, fitando curioso a lente
 Na estatua que primeiro alli se encontra,
 Pergunta ao jubilado: — Quem é este
 Monsieur Paris? Segundo diz a letra
 Que por baixo, na base, tem aberta:
 Se se houver de julgar pela apparencia,
 O nome, a catadura, o penteado
 Dizendo-nos estão que este bilhostre²
 Foi francez, e talvez cabelleireiro,
 Inventor do topete, que o enfeita.»

— «Páris, e não Paris diz o letreiro,
 (Circumspecto lhe volve o padre-mestre)
 Nem francez, como crê, cabelleireiro
 A personagem foi, que representa;
 Mas em Troya³ nasceu d'estirpe⁴ regia.»

— Pois, se francez não foi, (replica o Lara),
 Como Monsieur lhe chamam?»

— Co'um sorriso
 Lhe torna o padre-mestre: — «Não se admire,
 Que isto está succedendo a cada passo:
 Ao pé de cada canto, hoje, sem pejo,
 Se tratam de Monsieurs os portuguezes.
 Isto senhor, é moda; e, como é moda,
 A quizemos seguir; e sobretudo
 Mostrar ao mundo, que francez sabemos.»

— «De tanto peso pois (lhe volta o Lara)
 É, padre jubilado, por ventura
 O saber o francez, que d'isso alarde
 Fazer quizessem vossas reverencias?
 Por acaso, sem esse sacramento,
 Não podiam salvar-se, e serem sabios?
 Pois aqui, em segredo, lhe descubro
 Quê o francez, para mim, o mesmo monta
 Que a lingua dos selvagens boticudos⁵.»

— «Não diga, senhor, tal; que neste tempo,
 Ó tempos, ó costumes! (diz o padre)
 O saber o francez é saber tudo.
 É pasmar vêr, senhor, como um pascasio ⁶,
 De francez com dois dedos, se abalança,
 Perante os homens doutos e sisudos,
 A fallar nas sciencias mais profundas,
 Sem que lhe escape a santa theologia,
 Alta sciencia aos claustros reservada,
 Que tanto fez suar ao grande Scoto,
 Aos Baconios, aos Lullos ⁷, a mim proprio.

.....
 Este (como dizia) foi troyano
 E nos campos, que o phrygio Xanto ⁸ corta,
 Guardando em doce paz o seu rebanho,
 Eleito foi juiz do grande pleito
 Que Juno e Pallas, entre si, com Venus,
 Sobre a belleza, um tempo, sustentaram;
 No qual, não sei porém se com justiça,
 Deu a favor de Venus a sentença,
 Entregando-lhe o rico pomo de oiro,
 Que a Discordia lançára num banquete.»

— «Já nesse pleito ouvi, se bem me lembro,
 E no pomo fallar (lhe volve o Lara),
 Mas o tal Monsieur Páris foi um asno
 (Perdoe a sua ausencia). Se na causa
 De ser juiz a sorte me coubera,
 Daria, mal ou bem, minha sentença,
 Conforme o meu bestunto ⁹ me ajudasse,
 Sem em nada gravar a consciencia;
 Mas a maçã, havia d'eu papá-la,
 Pelas custas, por certo: e, quando muito,
 Daria á vencedora d'ella as cascas.
 Mas, diga-me, meu padre-jubilado,
 Se gado apascentou esse marmanjo,
 Como de cortezão está vestido,
 De cabello, de bolsa ¹⁰, e penteado?

— «Essa é boa! (replica o reverendo)
 Pois parece-lhe, a vossa senhoria,
 Que lhe basta o secco tratamento
 De Monsieur, que lhe demos, e um cajado,
 Um intonso¹¹ cabello, uma samarra¹²?»

— «Essa razão me quadra (diz o Lara).
 E esta madama Helena (continúa)
 Que d'elle está defronte, por ventura
 É troyana tambem, ou é franceza,
 Como do penteado mostra o gosto?»

— «Não foi, senhor, franceza, nem troyana
 (Responde o padre-mestre); d'alto sangue,
 Em a Grecia nasceu; e no seu throno
 Esparta¹³ um tempo a viu: mas sceptro, esposo,
 A patria, a fama, a gloria d'alta estirpe,
 Tudo deixou por Páris...

..... — «E quem foi esta?
 Diz a letra, Madama Pena Lopes
 (Proseguia o deão), talvez seria
 Tão boa, como ess'outra?»

— «Essa (responde
 O doutor jubilado) é d'outra laia;
 A famosa Penélope foi esta,
 Do conjugal amor, da fé jurada,
 Do sagrado Hymeneu¹⁴ nas castas aras,
 Um perfeito exemplar; e extremada,
 Entre as mais do seu tempo, tecedeira.
 Numa teia gastou mais de dez annos...»

— «Que me diz, padre-mestre? está zombando?
 (O deão aturdido lhe replica);
 Em urdir, em tramar uma só teia
 Dez annos consumiu a tal Madama,
 E diz-me que foi grande tecelôa!
 A minha ama... e mais é uma zoupeira,
 Noutro tanto não gasta nove mezes:
 E, com tudo, não passa, entre as peritas,
 Por grande sabichona neste officio.»

— «Nisso mesmo é que esteve a habilidade
(O padre lhe tornou), pois que de noite,
O que obrava de dia, desmanchava.»

— «Peor! (diz o deão) isso é o mesmo,
Que para traz andar, qual caranguejo.
Jurarei em cem pares d'Evangelhos
Que essa mulher perdido tinha o siso.»

— «Perdido o siso! Que galante coisa!
(O padre lhe tornou) antes no mundo
Nunca mulher se viu tão atinada,
E digna de passar á eternidade
Sobre as azas da posthuma memoria.
Foi prudencia, senhor, o que estulticia
A sua phantasia lhe figura;
Pois, se assim praticava, era sómente
Por enganar (em quanto o caro esposo
Da prolongada ausencia não volvia)
Cançados rogos de importunos prócos¹⁵,
Que aspiravam do seu consorcio á gloria.
Arachne, que Minerva vingativa
Em aranha tornou, por arrojar-se
A competir com ella, certamente
Lhe não levava no tecer a palma.»

— «Como é isso? (o deão diz assustado)
Pois, salvo tal logar, um homem pôde
(Isto fallando, todo se persigna),
Ou pôde uma mulher, em feio bicho
Ou animal quadrupede mudar-se?»

— «Isto fabulas são¹⁶, com que os antigos
Quizeram explicar aos seus vindouros
De muitos animaes a industria e a arte,
E além d'isso ensinar que ás divindades
Se deve ter um grande acatamento.
Mas, que acontecer possa, quem duvida?
(Dizia gravemente o douto padre).

Não fallo agora das antigas Lámias,
 Que inteiros enguliam os meninos,
 De Circe, de Medêa, nem d'Alcina,
 Ou da velha Canidia, de quem conta
 O bebedo de Horacio as nigromancias:
 Todos sabem que todas essas bruxas,
 Em ossudos leões, manchados tigres,
 Em ardidos ginetes, negros ursos,
 Ou em toupeiras vis, vis musaranhos ¹⁷,
 Ao seu sabor os homens convertiam.
 Além d'isso, Apuleio ¹⁸ nos informa
 Que, por malicia d'uma certa Fótis,
 Em asno, num instante, se tornara,
 E como asno passara mil trabalhos.
 Não tem ouvido vossa senhoria
 Ruidosos cães uivar, lá n'alta noite?
 Pois que querem dizer aquelles uivos,
 Senão que anda no bairro lobishomem,
 Ou homem por fadario transmudado
 Em jumento orelhudo, ou em sendeiro?

— «Santo Breve-da-marca ¹⁹! (aqui exclama
 O farfante ²⁰ deão de temor cheio ²¹.
 E logo proseguiu): Se minha estrella
 Ordenado me tem por encantos
 De alguma feiticeira, ou nigromante,
 Em fero bruto eu haja de mudar-me,
 Praza a vós, santos céos! ao fado praza
 Que, antes do que sendeiro lazarento,
 Em brioso cavallo elles me mudem ²².

.....
 Mas, se muito julgaes o que vós peço,
 Ao menos concedei-me que em fuinha
 Ou matreira raposa me transformem,
 Só para ão bispo ir ao gallinheiro,
 De quantas aves tem a dar-lhe cabo.»

¹ verdejante, viridente. ² estrangeiro, estrangeirado. É termo depreciativo e fóra do uso. ³ ou Ilion, cidade celebre da Phrygia, na Troade, não longe do monte Ida. Foi destruida, segundo os eruditos, no anno 1184 antes de Christo. ⁴ origem, linhagem. ⁵ povos selvagens da America. ⁶ tolo, parvo, pateta. ⁷ o doutor Escoto floresceu no principio do seculo XIV. Rodrigo Bacon (pronuncia-se aproximadamente *Bei'can*), sabio inglez, nasceu em 1214. Reinando Lullo viu a luz em 1255 na cidade de Palma, capital da ilha de Maiorca (uma das Baleares). Escreveu muitas obras de cabalistica. ⁸ rio da Troade, conhecido tambem pelo nome de Scamandro. ⁹ cachimonia, cabeça de pouco juizo. ¹⁰ saquinho de seda em que se escondia a extremidade do rabicho. ¹¹ que não é tosquiado. ¹² antiga vestimenta campesina feita de pelles de ovelhas. ¹³ ou Lacedemonia, cidade famosa do Peloponeso, capital da Laconia. ¹⁴ divindade que presidia ao casamento. ¹⁵ pretendentes. ¹⁶ § 119, o. ¹⁷ animaes parecidos com pequenos ratos. ¹⁸ philosopho platonico; nasceu em Africa no II seculo, no tempo de Adriano. ¹⁹ reliquia que vem de Roma, acompanhada de autentica para provar a sua veracidade. Exclamação de espanto. ²⁰ fanfarrão. ²¹ § 140, c. ²² § 313,3.

213 — O polvo

Mas, já que estamos nas covas do mar, antes que saiamos d'ellas, temos lá o irmão polvo, contra o qual tem suas queixas, e grandes, não menos que S. Basilio e santo Ambrosio. O polvo, com aquelle seu capello na cabeça, parece um monge; com aquelles seus raios estendidos, parece uma estrella; com aquelle não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E, debaixo d'esta apparencia tão modesta, ou d'esta hypocrisia tão santa, testemunham contentemente os dois grandes doutores da egreja latina e grega, que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas côres de todas aquellas côres, a que está pegado. As côres, que no camaleão são gala, no polvo são malicia: as figuras, que em

Protheu são fabula, no polvo são verdade, e artificio. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo; e, se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E d'aqui que succede? Succede que o outro peixe, innocente da traição, vae passando desacautelado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu proprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizeram mais Judas? Não fizera mais; porque nem fez tanto; Judas abraçou a Christo, mas outros o prenderam; Judas com os braços fez o signal, e o polvo dos proprios braços faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas diante: traçou a traição ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição, e roubo, que faz, é á luz, para que não distinga as côres. Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor.

Padre Antonio Vieira.

124 — As Mineidas ¹ (pag. 110 na 4.^a ed.)

Cessaram de ² cantâr e inãda o trãbalhõ,
 Insulto a Baccho e acinte ao festo ³ dia,
 Se afervora mais entre as Mineidas.
 Rompem subito estrepito atabales,
 Roncitroantes ⁴, curvicorneas ⁵ gaitas,
 Metaes de retintinulos ⁶ repiques;
 Tudo invisivel: de açafrões, de mirrhas
 Nadam no ar suavissimas fragancias.
 Eis (quem lhe dera fé!) o alvor das teias
 Que se entra a ² esverdear; os largos pannos
 Em guisa de hera a frondejar-se ⁷; os fios,
 Não tapados ainda, a alar-se em vides.

Estames, que das rocas vêm saindo,
 Vêm saindo em festões de frescas parras ;
 E das lustrosas purpuras, luzentes
 Cachos se entufam de formosas uvas.
 Era ao cabo do dia, á hora incerta
 Que nem de trevas, nem de luz tem nome,
 Do dia e noite mal distinctas raias.
 Como encontrada de um tufão, retreme
 Do fundamento ao tecto a estancia toda ;
 Resinosos archotes vôam, zunem ;
 Retinge as casas crepitante incendio ;
 Correm fantasmas de ululantes feras ;
 Pelos altos desvãos, cegas de fumo,
 Vão-se as impias irmãs, dispersas, loucas,
 Contra o fogo e clarão buscando asylo.
 Neste ancisar pelas trevas se lhe estendem
 Membranas em seus corpos apoucados,
 E pennugem subtil seus braços veste :
 E como saem da figura antiga
 Não lh'o deixa saber a escuridade.
 Vôam, não que as sustentem plumas leves,
 Sim transparentes azas ; fallar tentam,
 Sae-lhes pequena voz, conforme ao corpo ;
 Tenue chiada o seu queixume exprime.
 Por tectos, não por bosques se accommodam :
 Inimigas da luz, na sombra giram :
 Do Véspero ⁸ lhes veiu o lacio ⁹ nome.

Visconde de Castilho (Antonio Peleciano).
 Traduzido de Ovidio, poeta latino.

¹ abraçam os habitantes de Thebas (na Grecia) o culto de Baccho. Sós as filhas de Minéo o refusam, e, descrentes, que são, em o novo deus, fechadas em casa, profanavam com trabalho o dia mandado guardar para as suas festas, quando cae na casa, e nellas, a mais apparatusa vingança de Baccho ; e lá se vão transfiguradas em morcegos. ² § 237, e. ³ festivo, fausto. ⁴ vocabulo composto de *ronco* e *troante* ; é voz onomatopaica, isto é, imitativa do som produzido pelo objecto significado. ⁵ palavra comp. ⁶ adj. formado do subs. *retintin*, som imitativo de instrumentos metallicos quando retinem.

⁷ guarnecer-se de folhas. ⁸ morcego em latim é *vespertilio*, nome derivado de Vesper, a estrella da tarde, ou a propria tarde. ⁹ latino, do Lacio, uma parte da Italia antiga.

215 — Ambição clerical (pag. 111 na 4.^a ed.)

Em nenhuma côrte do mundo tem logar o extremo da tentação, senão na côrte da cidade santa. Em todas as outras côrtes pôdem os cortezãos aspirar a subir, mas não ao pinaculo ¹. Pôdem aspirar á grandeza, mas não á majestade; ao titulo, mas não á corôa. O fidalgo particular pôde aspirar a conde, o conde a marquez, o marquez a duque; e aqui pára o desejo, porque o ser rei está fóra da esphera da ambição. Nesta côrte de Roma não é assim. Da sotaina podeis subir á murça; da murça ao mantelete, á mitra; da mitra á purpura, e da purpura á tiara.

Subir ás dignidades pôde ser bom e pôde ser mau; mas o que sempre é mau e nunca pôde ser bom, senão pessimo, é fazer de uma dignidade degrau para outra, e querer sempre subir sem jámais parar. Não se sóbe hoje ás dignidades, sobe-se por ellas. Haviam de ser fim, e são meio; haviam de ser termo, e são degrau. Tal modo ou tal furia de ambição não é humana, é diabolica, é luciferina ².

A soberba e ambição de subir nunca está mais que sobre um pé. Tem um pé no logar que possue, e o outro já vae para o logar que pretende. Isto é subir sempre. Quem sobe, quando firma um pé num degrau, já levanta o outro para o pôr no que se segue. Assim sobe e vae subindo sempre (por mais alto que seja o logar a que tem subido) quem fôr tocado d'esta tentação.

Fez Salomão um leito para si, cujo reclinatorio era de oiro, e a subida de purpura. Com licença da sabe-

doria de Salomão, eu não o fizera ³ por esta traça; fizera o reclinatório de purpura e a subida de oiro. Para reclinar e descansar a cabeça, o oiro, ainda que seja muito lustroso, é muito duro e muito frio. Para os degraus era muito decente e muito auctorisado o oiro; porque não ha modo de subir mais majestoso, que mettendo o oiro debaixo dos pés e pizando-o. Pelo contrario, a purpura era mais accommodada para o reclinatório, porque é branda e conserva o calor. Mas a purpura para os degraus? — Sim. Porque Salomão fazia o seu leito, não como era bem que fosse, senão como via que havia de ser.

Estou vendo, porém, que me dizem os meus portuguezes: ainda que temos o exemplo de S. Damaso e de João vigesimo segundo, os nossos pensamentos não sobem ao pinaculo, nem a tão alta supposição. Com uma egreja, das que vagam na nossa terra, nos contentamos; isto é o que só pretendemos na cidade santa. Mas tambem ahi pôde entrar com igual perigo a tentação do demonio. Eu não sou muito curial d'estas tentações, e assim fallarei por bôca de quem tinba grande experiencia e pratica d'ellas. O cardeal Bellarmino, passando por um lago d'estes arredores, viu um moço que estava pescando rãs, e a isca com que lbes armava, era a pelle de outra rã já morta. Lançava o anzol com a pelle da morta, e assim pescava as vivas.

Eis aqui, diz Bellarmino, como pesca o diabo aos ecclesiasticos. Morreu o conego, o prior, o abbade: o que faz o diabo? — Toma a pelle do defunto, que é a murça, ou a sobrepelliz, ou a estola, mette-a no seu anzol, que é a tentação, e vem de Portugal a pescar a Roma. Quem cuidára tal coisa! que o diabo venha fazer-se pescador na barca de S. Pedro! E que fazem as rãs, que estão esperando no lago, e atroando os ouvidos de todos? Tanto que chega a nova, tanto que vêem a pelle da morta, todas a ella com grande bôca aberta; e, se alguma se adianta às demais, todas a abocanhá-la e a mordê-la. Eu não o ⁴ vi, mas assim

o oiço. Nisto são peiores as rãs que os peixes. Os peixes mordem e calam; as rãs atroam, e não ha quem se oiça nem valha com ellas. Que cada um pretenda para si, humano é; mas é grande deshumanidade, que homens da mesma patria, da mesma nação, do mesmo sangue se mordam, se maltratam, e se affrontem por introduzir a si, e afastar os outros.

Aos que nada têm, tenta-os o diabo com o pão; aos que nada lhes basta, tenta-os com tudo. Os que de cá vão com fome, tenta-os com pão feito. Deus livre a todo o faminto de que o diabo o tente com o pão feito e preparado. A Eva tentou-a o diabo com a fructa madura e sazoadada; a Esaú⁵ tentou-o com as lentilhas cozinhadas e temperadas. E que succedeu a ambos? Ambos caíram sem resistencia. Ser tentado com o comer que se ha-de fazer, ainda que haja fome, não é tão grande tentação. Se o pomo estivera³ em erva, nem Eva, nem Esaú se haviam de tentar, quanto mais cair. Porém tentar com o pão, e feito: tentar com o pão que outros fizeram, e vós o tendes recolhido no vosso celeiro com obrigação de o repartir aos pobres, grande tentação! O ecclesiastico é dispenseiro do pão, e não senhor; mas é grande tentação do dispenseiro que, podendo se⁶ fazer senhor, se não faça, e podendo comer o pão, o não coma. Nesta parte são mais venturosas as ovelhas do campo, que as de Christo. Porque o pão das ovelhas do campo não o pode comer o pastor, e o das ovelhas de Christo, sim. E, quando o pão do gado é de tal qualidade que o póde comer o pastor, aqui está a tentação.

O filho prodigo, depois de desbaratar todo o patrimonio, para remediar a sua necessidade, poz-se a pastor; e o mantimento do seu gado era tal, que tambem o pastor o podia comer. Foi porém tão pontual este moço (como filho de bons paes que era) que até d'aquelle mantimento rustico e grosseiro, que se lhe dava⁷ para o seu gado, nem uma bolota tomava para si.

Mas qual era a sua tentação? Toda a sua tentação,

e todo o seu appetite era comer, e encher-se d'aquelle mesmo mantimento que lhe davam para o seu gado. Se isso fazia a fome do filho prodigo, que fará a do padre avarento? Pastor com fome ha-de comer o pão do gado, qualquer que seja; e mais os que de cá vão com fome de tantos annos. Os prégadores zombam do diabo tentar a Christo com pão de pedras; e não reparam em que estava o tentado com fome de quarenta dias. Para fome de muitos dias não ha pão duro; quanto mais para fome de tantos annos.

Padre Antonio Vieira (1608-1697).

¹ fig. O mais alto grau. ² propria de Lucifer, que é o nome do primeiro anjo rebelde, precipitado do céu para o inferno, e chefe dos demonios. ³ § 208 *b.* ⁴ § 189, 4. ⁵ filho de Isaac e Rebecca. Vindo um dia da caça, com muita fome, vendeu a seu irmão Jacob o seu direito de primogenito por um prato de lentilhas. ⁶ § 238. ⁷ § 192 *b.*

216 — Falla do velho na praia de Restello vendo partir a frota de Vasco da Gama (Pag. 136 na 4.^a ed.)

(DOS LUSIADAS)

Mas um velho d'aspeito ¹ venerando,
 Que ficava nas praias entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça descontente,
 A voz pesada um pouco alevantando,
 Que nós no mar ouvimos claramente,
 C'um saber só d'experiencias feito,
 Taes palavras tirou do experto peito:

«Oh! gloria de mandar! oh! vã cubiça
 D'esta vaidade, a quem chamamos fama!
 Oh! fraudulento gosto, que se aliça
 C'uma aura popular, que honra se chama!

Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exp'rimentas!

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de imperios!
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes com que se o povo nescio engana!

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'oiro que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triumphos? Que palmas? Que victorias?

Mas ó tu, geração d'aquelle insano²,
Cujo peccado e desobediencia
Não sómente do reino soberano
Te pôz neste desterro e triste ausencia,
Mas inda d'outro estado mais que humano,
Da quieta e da simples innocencia
Da idade d'oiro tanto te privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou;

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia;
Já que á bruta crueza e feridade
Puzeste nome, esfôrço e valentia;

Já que prézas em tanta quantidade
 O desprêzo da vida, que devia
 De ser sempre estimada, pois que já
 Temeu tanto perdê-la quem a dá³;

Não tens junto contigo o Ismaelita,
 Com quem sempre terás guerras sobejas?
 Não segue elle do Arabio a lei maldita⁴,
 Se tu pela de Christo só pelejas?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras e riqueza mais desejas?
 Não é elle por armas esforçado,
 Se queres por victorias ser louvado?

Deixas criar ás portas o inimigo
 Por ires buscar outro de tão longe,
 Por quem se despovôe o reino antigo,
 Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
 Buscas o incerto e incognito perigo,
 Porque a fama te exalte e te lisonge⁵,
 Chamando-te senhor, com larga copia,
 Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia!

Oh maldito o primeiro, que no mundo
 Nas ondas velas poz em secco lenho;
 Digno da eterna pena do Profundo⁶,
 Se é justa a justa lei que sigo e tenho!
 Nunca juizo algum alto e profundo,
 Nem cithara sonora, ou vivo engenho⁷,
 Te dê por isso fama, nem memoria,
 Mas contigo se acabe o nome e a gloria!

Trouxe o filho de Japeto⁸ do céo
 O fogo, que ajuntou ao peito humano,
 Fogo, que o mundo em armas accendeu,
 Em mortes, em deshonoras (grande engano!)

Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
 E quanto para o mundo menos damno
 Que a tua estatua illustre não tivera
 Fogo de altos desejos, que a movèra!

Não commettera o moço miserando ⁹
 O carro alto do pae, nem o ar vasio
 O grande architector ¹⁰, co'o filho, dando,
 Um, nome ao mar, e o outro, fama ao rio;
 Nenhum commettimento alto e nefando,
 Por fogo, ferro, agua, calma e frio,
 Deixa intentado a humana geração ¹¹:
 Misera sorte, estranha condição!»

Luiz de Camões (1524-1580).

¹ aspecto. ² insensato. Refere-se a Adão e ao peccado original. ³ allude ás amarguras de Jesu-Christo no horto. ⁴ de Mahomet, que era natural da Arabia. ⁵ lisongeie. ⁶ do inferno. ⁷ genio. ⁸ segundo as tradições mythologicas, Prometheo, filho de Japeto, roubou o fogo do céo, animando com elle uma estatua de barro que formára, d'onde provieram muitas discórdias e cruas guerras. ⁹ allude a Phaetonte, filho do Sol ou Apollo e de Clymene. Pedira elle ao pae que lhe permittisse guiar o carro do Sol, ao menos um dia, afim de provar de quem era filho, visto que Epaphus andava dizendo que elle não era filho de Apollo. Este concedeu-lhe a mercê; mas Phaetonte, não sabendo dirigir o carro do Sol, tanto se approximou da terra que em muitas partes a abrazou, tendo Jupiter de o fulminar com um raio. Foi precipitado no rio Eridano, que actualmente se chama Pó. ¹⁰ Dedalo, o qual construiu o labyrintho de Creta, onde o rei Minos o mandou encerrar com Icaro seu filho. Para se escaparem ambos, fabricou Dedalo umas azas de pennas, mas pegadas com cera. Elevando-se nos ares, o pae chegou incolume a Cumas na Italia; mas o filho tanto foi subindo, que a cera das azas se lhe derreteu com o intenso calor do Sol, vindo cair no mar Egeu onde se afogou. Ficou-se áquelle mar chamando Icario. ¹¹ o genero humano.

217 -- Ultimos momentos de D. João de Castro
(pag. 93 na 4.^a ed.)

Achava-se D. João de Castro gastado menes dos annos, que dos trabalhos de tão continuas guerras, com que veiu a cair rendido ao pezo de tão graves cuidados.

Enfermou gravemente e descobriu a doença, em poucos dias, indicios de mortal; o que elle conhecendo, pela molestia de repetidos accidentes, se alliviou da carga do governo.

Chamou o bispo D. João de Albuquerque, D. Diogo de Almeida Freire, ao doutor Francisco Toscano, chancelier-mór do Estado, a Sebastião Lopes Lobato, seu ouvidor geral, e a Rodrigues Gonçalves Caminha, veador da fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos principes vizinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da cidade, ao vigario geral da India, ao guardião de S. Francisco, a frei Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier e aos officiaes da fazenda d'el rei, a quem fez esta falla:

«Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao visorei¹ da India faltam nesta doença as commodidades que acha nos Hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar no Oriente; a vós mesmo quiz empenhar os ossos de meu filho e empenhei os cabellos da barba; porque, para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias nem baixellas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se me comprasse uma gallinha; porque nas armadas², que fiz, primeiro comiam os soldados os salarios do governador, que os soldos de seu rei; e não é de espantar que esteja pobre um pae de tantos filhos. Peço-vos que, emquanto durar esta doença, me ordeneis da fazenda real uma honesta despesa, e pessoa por vós determinada, que com modesta taxa me alimente.»

E logo, pedindo um missal, fez juramento sobre os Evangelhos, que até a hora presente não era devedor

à fazenda real de um só cruzado, nem havia recebido coisa alguma de christão, judeo, moiro, ou gentio; nem para a auctoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfaias, que as que de Portugal trouxera; e que ainda a prata, que no reino fizera, havia já gastado, nem tivera jámais possibilidade para comprar outra colcha que a que na cama viam; só a seu filho D. Alvaro fizera uma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima, para passar ao reino. Que d'isto lhes pedia mandassem fazer um termo, para que, se alguma hora se achasse outra coisa, el-rei como prejuuro o castigasse.

Esta pratica se escreveu nos livros da cidade, a qual se pudera ler como instrucção aos que lhe succederam; nos quaes, creio, ficou a memoria mais viva que o exemplo.

Logo que o viso-rei entendeu que era chamado a mais dura batalha, fugindo a importuna diversão de cuidados humanos, se recolheu com o padre S. Francisco Xavier, buscando, para tão duvidosa viagem, tão seguro piloto; o qual lhe foi, todo o tempo que lhe durou a doença, enfermeiro, intercessor e mestre.

Como não adquiriu riquezas, de que dispôr de novo, não fez outro testamento que o que deixou no reino, quando passou a governar a India, em mãos do bispo de Angra, D. Rodrigo Pinheiro, com quem tinha comunicado.

E, recebidos os sacramentos da Igreja, rendeu a Deus o espirito em 6 de junho de 1548, aos quarenta e oito de sua idade e quasi tres de governo d'aquelle Estado.

As riquezas, que grangeou na Asia, foram suas heroicas obras, que neste papel virão a ler os futuros, com saudosa memoria. No seu escriptorio se acharam tres tangas larins ³ e umas disciplinas, com signaes de usar muito d'ellas, e a guedelha da barba, que havia empenhado.

Mandou em S. Francisco de Gôa depositar seu corpo para que d'alli se trasladassem os ossos á sua capella de Cintra. Tratou-se logo do funeral, não menos lasti-

moso, que solemne, merecendo de todo o Estado lagrimas illustres e plebeas.

Jacinto Freire de Andrade (1597-1667).

¹ Vice-rei. ² *Andar d armada* em alguma paragem (ant.) andar cruzando, bordejando, pairando nella para esperar ou observar o inimigo, guardar a costa, etc. *Ir d armada*. (ant.): embarcar-se para guerra naval, guarda costa, etc. No trecho, *armada* significa expedição maritima, como actualmente se diz.

³ moeda asiatica : eram barrinhas de prata valendo entre 60 a 80 réis.

218 — A serpente de Marte ¹ (pag. 131 na 4.^a ed.)

Levada Europa para Creta ² por Jupiter, el-rei Agenor, ³ pae d'esta princeza, ignorando o que foi d'ella, envia ⁴ seu filho Cadmo a correr mundo, em procura da irmã, condemnando-o de antemão a desterro perpetuo se lh'a não trouxer. Cadmo perde as passadas que dá nesta investigação ; e, não podendo voltar nunca mais á patria, consulta o oraculo de Apollo, para saber onde deve ir estabelecer-se : o orago lhe ordena edificar a cidade de Thebas ⁵. Chegado o principe ao sitio designado, quer, por via de sacrificios, apparelhar-se para a fundação ; os que vão busear a agua para as libações encontram na gruta da fonte um façanhoso dragão pertencente a Marte, que destroça grande quantia da gente de Cadmo, o qual por fim o mata.

1 Negreja annosa matta, onde o machado
 2 Jamais entrou : lá se abre uma caverna
 3 De vimes e de arbustos enricada ;
 4 Formam-lhe o arco humilde uns seixos toscos,
 5 E em copiosas aguas sempre abunda.
 6 Nella mora dragão sagrado a Marte,
 Aurea e cristada a fronte, os olhos lume,
 Tumido o corpo de lethal ⁶ veneno,
 Triplice a lingua, os dentes em tres ordens.
 Neste arvoredos os Tyrios ⁷ emissarios

Entram com pé sinistro: mal que a urna
 Descendo às aguas retumbou pelo antro,
 Eis do fundo do longo esconderijo
 Ergue o dragão ceruleo a fronte enorme,
 E horrendos silvos solta; ao vê-lo, e ouvi-lo
 Foge o sangue, das mãos as urnas caem;
 Subitanea tremura os accommette.
 Vê-lo em voluveis voltas desconcentra
 Os escamosos circulos; e, a pulos,
 Colleando avança; mais de meio erguido,
 Domina toda a selva; em corpulencia
 Nem cede ao que separa as Ursas ambas⁸,
 Enquanto ou para a briga os Tyrios se armam,
 Ou se dispõem á fuga, ou fuga e briga
 Lhes impede o pavor, co'a turba investe;
 Uns, nos dentes os leva; outros nas roscas
 Entalados arrastra⁹; estes derriba
 Co'o bafô immundo, aquelles co'a peçonha.
 Já o sol a pino as sombras encolhia;
 Da tardança dos seus Cadmo se espanta,
 E a procurá-los parte¹⁰: hirsuta pelle
 De vencido leão lhe cobre o corpo;
 Por armas leva um dardo, a vasta lança,
 E o brio, em peito heroe, melhor que as armas.
 Mal põe no bosque a planta, avista os mortos;
 O enorme vencedor sobre elles pousa,
 Lambe-lhes as fridas co'a a sanguinea farpa.
 — «Companheiros fieis, por mim vingados
 Ou seguidos por mim sereis» — Exclama.
 Rocha, que eguala as mós, toma na dextra,
 Balança-a, dá-lhe impulso igual ao peso,
 Fá-la voar troando: ao rude embate
 Torreadas muralhas tremeriam¹¹.
 A serpe fica illesa, que a escamosa
 Loriga¹² natural, e o coiro negro
 Repercutem o tiro; egual ventura
 Contra o dardo, comtudo, a não defende;
 Pelo meio da espinha dobradiça

Varou, lá jaz na entranha o ferro inteiro.
 Furioso co'a dôr retorce o monstro
 A fronte sobre o dorso, olha a ferida,
 Na haste, em si cravada, enterra os dentes ;
 Para aqui, para alli revolve, alarga,
 Até que a arranca emfim ; mas fica o ferro.
 Co'a ferida recente a furia innata ¹³
 Cresce, requinta agora : incham-lhe o collo
 Tumidas veias ; de espumosa baba ¹⁴
 Alveja a larga, a pestilente bôca :
 Das escamas roçado ¹⁵, o chão resôa :
 O bafo escuro das tartareas ¹⁶ fauces
 Infecta as auras ¹⁷, contamina as plantas ;
 Ora espiral se aperta em orbe immenso,
 Ora arvorado mastro imita a prumo,
 Ora nos vastos impetos ¹⁸ semelha
 Rio feroz co'as cheias engrossado :
 Rompe, alverota as arvores passando.
 Retrocede alguns passos o Agenóreo ¹⁹ :
 Co'o leonino espolio na sinistra,
 Lhe apara a furia, oppõe-lhe a lança em riste,
 Braveja o drago afoito : no impassivel
 Ferro dentes amola, e morde o gume.
 Já do padar ²⁰ pungido está correndo
 Sangue empestado, que rocia as ervas ;
 Mas é leve a ferida, porque o monstro
 Sente o pico, e retrae-se, o damno enceta,
 Surge atraz, nem dá tempo a que entre o golpe.
 O Agenóríde ²¹ então, dobrando o esforço,
 Já mergulhado na guela o ferro,
 Segue-o, leva-o de encontro, até que, obstando
 No caminho um carvalho, collo e tronco
 Do mesmo lanço alli deixou pregados ;
 Dobra-se a arvore ao peso, e geme aos golpes
 Com que a cauda indignada açoita o tronco.

Visconde de Castilho (Antonio Feliciano).

Traduzido de Ovidio, poeta latino.

¹ Deus da Guerra. ² § 143. Chama-se Candia a grande ilha da Europa no Mediterraneo, á qual outr'ora se dava o nome de Creta. ³ Rei da Phenicia. ⁴ § 229, *Obs.* ⁵ cidade famosa da Beocia, na Grecia. ⁶ mortal, mortifero. ⁷ naturaes de Thyro, cidade da Phenicia. ⁸ duas constellações do hemispherio septentrional, entre as quaes está o Dragão. ⁹ § 251 *a.* ¹⁰ § 229, *Obs.* ¹¹ § 135, *Obs.* ¹² saia de malha com escamas de ferro, que fazia parte da armadura dos guerreiros. ¹³ que nasce naturalmente com o individuo, congenita. ¹⁴ § 144. ¹⁵ § 143. ¹⁶ infernaes. ¹⁷ brisas, aragem. ¹⁸ § 159. ¹⁹ Cadmo, filho de Agenor. ²⁰ paladar (synon.)

219 — Matança dos hebreos em Lisboa em 1506
(Pag. 126 na 4.^a ed.)

Tinham pouco antes chegado a Lisboa muitos navios mercantes da Belgica franceza e da Allemanha, e a cidade se achava mui nua de burguezes, por se terem d'ella retirado em razão do contagio ¹; muitos, dos que todavia tinham ficado, se juntaram em 19 de abril na egreja de S. Domingos para os officios divinos. Ha na egreja da parte esquerda uma capella com a invocação do Senhor Jesus, mui devota e mui frequentada pelo ² entranhavel acatamento dos fieis. Assenta sobre o respaldo do altar um crucifixo, em cuja chaga do lado engasta um crystal, que a cobre: e ora como puzessem ³ nella os olhos muitas pessoas, e com elles a imaginação, e vissem sair d'ella um luzeiro, entraram a bradar ⁴: *Grande milagre!* pois que a divindade celeste se representava alli com tão pasmosos signaes. Um d'aquelles hebreos, que pouco havia se alistaram nas bandeiras do baptismo, negava a altos gritos ⁵ haver milagre; que nem um lenho sêco cabia poder fazê-lo; e, bem que muita gente duvidasse do milagre, nunca convinha em tal occasião, nem a tal sujeito ⁶, empregar suas palavras e afincos em desmagnar ⁷ um judeu a gente ⁸, que tão encarnada tinha nos sentidos semelhante illusão. A

multidão, que naturalmente é dessorada e assomada, eivada agora com vislumbre de religião, entrou a bramar de ouvir um christão denegar credito a um milagre. Tratam-no de aleivoso⁹ e malvado judeu, traidor à fé, cruel e deshonorado inimigo, dignissimo de todos os tormentos e da morte. Foram crescendo sobre elle os vituperios de toda a parte; e tanto se escandece a colera naquella mó¹⁰ de povo, que arremettem com o homem, travam-lhe dos cabellos, levam-no de rastos, atormentando-o até o rocio, que espairose o convento, e alli, cruelissimamente morto, o despedaçam: erguem subito uma fogueira, onde arremessam os treços do cadaver. Accorreu a tal motim toda a gentalha, á qual um frade fez uma pregação accomodada a despertar vinganças da religião. Com a mui azeda exhortatoria, a multidão, que de seu natural toma subito furor, disparou em vehemente feridade. Tinham já dois frades alçado um crucifixo, e empuxado a plebe com altos gritos a matanças: e, alternando como em côro, bradavam: «*Heresia, heresia!* Dae cabo d'ella, que é maldita. Extingui esta gente abominavel». Pojam¹¹ em terra, vindos das naus, francezes e allemães, e se entremeiam com os lusitanos já cevados na despiedosa chacina. Consta que computava a 500 homens os que apprehenderam o facinorosissimo destroço. Atravessados de ruindade e desatino se arremessam a investir ferina e brutalmente com os miseros judeos, degolam, apunham, e ainda palpitantes e com vida os arrojam nas labaredas. Que naquelle mesmo rocio, em que o primeiro ardera pelo agravo, que sentira o povo d'elle, roncavam já para taes cruezas amiudados incendios, porquanto, com muito regosijo e pressa, escravos e gente do mais vil jaez accarretavam lenhos¹², a que não desfallecem chammas para a perfeição de tamanho desmandamento. Quebrariam corações de bravias gentes os prantos lamentosos das mulheres, as maguadissimas supplicas dos homens, e os maviosissimos clamores tão geraes. Mas tão despídos andavam de humano os en-

frascados naquelle morticinio, que, sem perdoar nem a idade, nem a sexo, com antolhos¹³ para taes resguardos¹⁴, algozavam por maneira que, naquelle dia, foram mortos e queimados além de quinhentas pessoas dos hebreos. E, como o boato d'aquella carnificina se espalhasse no dia seguinte pelas aldeias do termo, vieram d'ellas mais de mil facinorosos verdugos aggregar-se ao bando dos malfeteiros da cidade: com o que refrescou a morte e justiça. E em razão de toda a familia judaica se ter, de temerosos¹⁵, escondido em casa, lhes arrombavam portas, e entravam dentro a degolar, como carniceiros, homens e mulheres, e as donzellas mesmas, esmigalhando contra as paredes as criancinhas, tirando pelos pés uns mortos, outros expirando, para os lançarem nas fogueiras, e muitos mesmo, cortados sómente das feridas, consumiam nellas vivos. Tal embaçamento¹⁶ se apoderou então d'aquella misserrima gente e de seus sentidos, que nem lamentar seus mortos conseguiam, nem deplorar seus infortunios. Os homisiados¹⁷ nem soltar ousavam uma só voz, despedir um só gemido, ao vêr arrebatarse-lhes os filhos, os parentes para o supplicio. Tanto os desmaiara o susto, que dos mortos não dessemelhavam os vivos. Saqueavam lhes em tanto as casas os desalmados, e punham em montes oiro, prata, e preciosos moveis; e, se naquelle dia não morreram mór quantidade, foi pela ancia que se davam os francezes em roubar e acarretar a presa para os seus navios. Chegou a tal ponto a furia d'aquelles sacrilegos, que devassavam os templos sem respeito algum a Deus, e d'elles arrancavam os velhos, os meninos e donzellas, que aos altares se acolheram, que com as imagens dos santos se abraçavam, e que piedosamente imploravam o amparo de Jesus Christo: logo alli brutalmente lhes davam morte, ou vivos ao fogo os arrojavam. Muitos, que só pela cara, ou qualquer outra parecença gizavam¹⁸ pelo judaismo, correram risco de morte, e outros a padeceram por esse unico presupposto¹⁹, e ainda varios, antes de lhes averiguarem se

tinham com os hebreos conexão alguma, foram com pancadas, e com golpes desfigurados. Muitos, encontrando com inimigos seus, e appellidando-os de judeos, em seu sangue ensopavam as ferinas espadas, sem lhes dar azo a refutar o falso aleive. Não tinham os magistrados afouteza tal, que ousassem atalhar o furor da multidão. Houve comtudo honestos cidadãos, que abrigaram, que defenderam os judeos, que a elles se amparavam, subtrahindo-os a mortes cruelissimas, e pon-do-os em seguro. Morreram todavia além de mil em tal estrago: e já tornavam no dia seguinte os malfeitores destinados a renovar a carniceria; mas não achavam a quem matassem, que quantos tocavam á gente hebreá se tinham posto em cobro, fugindo uns²⁰, e encobertos outros em casa de pessoas piedosas. Fizeram comtudo algumas justiças das costumadas: em tudo morreram nos tres dias ao redor de dois mil judeos. Sobre tarde entraram na cidade, acompanhados de soldadesca, dois fidalgos mui illustres, Ayres da Silva e Alvaro de Castro, regedor da casa da supplicação e desembargo²¹, e com a sua vinda acalmou o destroço. Porquanto francezes e allemães com sobejo saque se recolheram logo a seus bordos; e, dando á vela, fugiram para suas terras a todo o curso. Logo que D. Manuel ouviu a nova de tão insignes desaccordos, ateou-se-lhe²² tão violenta colera, que despachou a Diogo de Almeida e a Diogo Lobo com suprema alçada²³ a Lisboa, e que dessem a execrandos feitos exemplar castigo. Grão numero de culpados pagaram com as vidas a pena do seu desatino e crueldade; e os frades, que arvoraram o crucifixo e encommendaram taes ferezas, degredados²⁴ antes com muita solemnidade de suas ordens, pois eram sacerdotes, os enforcaram e queimaram. Os que foram lentos em comprimir a furia popular foram uns multados em dinheiro, outros em honras, e a cidade desfalcada em muitas prerogativas.

¹ A peste. ² § 165. ³ § 217, 8. ⁴ § 239, *Obs.* ⁵ § 137.
⁶ assumpto, objecto de que se trata. De *subjectum* (lat.) *sub* e *ja-*
cio. ⁷ Tirar alguém de alguma coisa que traz no sentido, ou que
suspeita. ⁸ § 250. ⁹ § 153, *b.* ¹⁰ multidão: *mó de gente, mó*
de povo, etc. ¹¹ Desembarcam. ¹² madeiros. ¹³ da prep. lat.
ante e *olhos*. Peças de qualquer substancia opaca, que se põem
diante dos olhos para impedirem a vista, como as que se põem
nas parselhas. No sent. fig.: allucinação, illusão, tudo o que offusca
o espirito. ¹⁴ respeito, attenção. ¹⁵ § 179, *Obs.* ¹⁶ assombro
estupefacção. ¹⁷ foragidos, que se escondem para não serem
reconhecidos, presos ou justicados. ¹⁸ gisar e delinear, traçar
com giz. Nesta passagem significa: pareciam ter o aspecto, a
physionomia, as feições de. ¹⁹ conjectura. ²⁰ § 249, *Obs.*
²¹ tribunaes superiores d'aquella época. ²² § 156, *Obs.* ²³ tri-
bunal ambulante ou commissão de justiça, que antigamente,
com plenos poderes conferidos pelo rei, visitava os povos para
lhes fazer justiça e corrigir abusos. ²⁴ degradar é privar
alguém dos seus graus, dignidade ou emprego, exauctorar,
como agora se diz. Não confunda *degradados* com *degredados*,
que são os condemnados a degredo ou desterro.

220 — O gigante Adamastor (pag. 161 na 4.^a ed.)

(EPISODIO DOS LUZIADAS)

Porém já cinco soes ⁴ eram passados
Que d'alli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados,
Na cortadora prôa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosa vinha, e carregada,
 Que poz nos corações um grande medo;
 Bramindo o negro mar de longe brada,
 Como se dêsse em vão nalgum rochedo.
 «Ó potestade ², disse, sublimada!
 Que ameaço divino, ou que segredo
 Este clima e este mar nos apresenta ³,
 Que mór coisa parece que tormenta?»

Não acabava, quando uma figura
 Se nos mostra no ar, robusta e válida,
 De disforme e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida,
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
 Cheios de terra e crespos os cabellos,
 A bôca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros ⁴, que bem posso
 Certificar-te que este era o segundo
 De Rhodes ⁵ estranhissimo coloso, ⁶
 Que um dos sete milagres ⁷ foi do mundo.
 C'um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
 Que pareceu sair do mar profundo:
 Arrepiam-se as carnes e o cabelo
 A mim e a todos, só de ⁸ ouvi-lo e vê-lo.

E disse: «Ó gente ousada ² mais que quantas
 No mundo commetteram grandes coisas,
 Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas,
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
 Nunca arados d'estranho ou proprio lenho ⁹,

«Pois vens vêr os segredos escondidos
 Da natureza e do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou immortal merecimento,
 Ouve os damnos de mim, que apercebidos
 Estão a teu sobejo atrevimento
 Por todo o largo mar, e pela terra,
 Que inda has-de subjugar com dura guerra.

«Sabe que quantas naus esta viagem,
 Que tu fazes, fizerem de atrevidas ¹⁰,
 Inimiga terão esta paragem
 Com ventos e tormentas desmedidas;
 E da primeira armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insoffridas,
 Eu farei d'improviso tal castigo,
 Que seja mór o damno que o perigo.

«Aqui espero tomar, se não me engano,
 De quem me descobriu summa vingança:
 E não se acabará só nisto o damno
 Da vossa pertinace ¹¹ confiança;
 Antes em vossas naus vereis cada anno,
 Se é verdade o que o meu juizo alcança,
 Naufragios, perdições de toda a sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.»

.....

Mais ia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu: «Quem és tu? que esse estupendo
 Corpo certo ¹² me tem maravilhado.»
 A bôca e os olhos negros retorcendo,
 E dando um espantoso e grande brado,
 Me respondeu com voz pesada e amara ¹³,
 Como quem da pergunta lhe pesara:

«Eu sou aquelle occulto e grande cabo,
 A quem chamaes vós outros Tormentorio;
 Que nunca a Ptolomeu ¹⁴, Pomponio ¹⁵, Estrabo ¹⁶,
 Plinio ¹⁷, e quantos passaram, fui notorio:
 Aqui toda a africana costa acabo
 Neste meu nunca visto promontorio,
 Que para o polo antarctico ¹⁸ se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.

«Fui dos filhos asperrimos da terra,
 Qual Encélado ¹⁹, Egeo ²⁰, e o Centimano ²¹;
 Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
 Contra o que vibra os raios ²² de Vulcano ²³,
 Não que puzesse serra sobre serra,
 Mas conquistando as ondas do Oceano;
 Fui capitão do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno ²⁴, que eu buscava ²⁵.

.....

Eram já neste tempo meus irmãos
 Vencidos, e em miseria extrema postos;
 E, por mais segurar-se os deuses vãos,
 Alguns a varios montes sotopostos ²⁶:
 E, como contra o céu não valem mãos,
 Eu, que chorando andava meus desgostos,
 Comecei a sentir do fado imigo ²⁷,
 Por meus atrevimentos, o castigo.

Converte se-me a carne em terra dura,
 Em penedos os ossos se fizeram,
 Estes membros, que vês, e esta figura
 Por estas longas aguas se estenderam:
 Emfim, minha grandissima estatura
 Neste remoto cabo converteram
 Os deuses; e, por mais dobradas maguas,
 Me anda Thetis ²⁸ cercando d'estas aguas ²⁹».